

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**DEYSE DE PINHO SANTOS**

**ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**João Pessoa**

**2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**  
**DEYSE DE PINHO SANTOS**

**ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Magno Alexon Bezerra Seabra.

**JOÃO PESSOA**

**2025**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S237e Santos, Deyse de Pinho.  
Estratégias no processo de alfabetização em crianças  
com transtorno do espectro autista (TEA) / Deyse de  
Pinho Santos. - João Pessoa, 2025.  
42 f.

Orientação: Magno Alexon Bezerra Seabra.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Transtorno do espectro autista. 2. Educação  
inclusiva. 3. Estratégias de ensino. I. Seabra, Magno  
Alexon Bezerra. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37(043.2)

**Deyse de Pinho Santos**

**ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**Data de defesa:** 16 de abril de 2024.

**Período:** 2024.2

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora:**

Documento assinado digitalmente  
 **MAGNO ALEXON BEZERRA SEABRA**  
Data: 07/05/2025 15:12:17-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Prof. Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra**

**DHP/CE/UEPB**

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA DAS GRAÇAS GONÇALVES VIEIRA GUERRA**  
Data: 07/05/2025 15:15:56-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Prof. Dr. Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra**

**DHP/CE/UEPB**

Documento assinado digitalmente  
 **GIULIANA CAVALCANTI VASCONCELOS**  
Data: 08/05/2025 10:03:36-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Prof. Dr. Giuliana Cavalcante Vasconcelos**

**DHP/CE/UEPB**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico o presente trabalho a todos que foram e continuam sendo atingidos pela exclusão e desigualdades no processo de Alfabetização, sobretudo, para aqueles que não tiveram oportunidades para lutar por seus direitos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir chegar até aqui, de forma honrosa e com fé, mesmo diante dos desafios que encontrei ao longo deste caminho.

Gostaria também de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, agradeço à minha mãe, Nilta, e à minha irmã, Yara, por sempre me lembrarem da minha capacidade de superar os desafios.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Magno Alexon, pela orientação, paciência e apoio constantes durante todo o processo de pesquisa.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar estratégias educacionais para o ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista, destacando abordagens inclusivas e adaptativas que promovam um aprendizado efetivo. A pesquisa, de caráter qualitativo e baseada em revisão bibliográfica, foi realizada através de 8 (oito) produções, onde examinou diferentes metodologias pedagógicas estratégicas descritas em estudos acadêmicos recentes, enfatizando práticas que favorecem o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos com TEA. Tendo em vista que a inclusão escolar de alunos com TEA tem sido um desafio para educadores e gestores, exigindo adaptações curriculares, metodológicas e ambientais que atendam às necessidades específicas desse público. Entre as estratégias analisadas, destaca-se o uso de recursos visuais, que facilitam a compreensão e organização das informações, além de atividades sensoriais que promovem a autorregulação e a interação com o ambiente de aprendizagem e o emprego da tecnologia assistiva também se mostra eficaz, proporcionando maior acessibilidade ao conteúdo pedagógico e incentivando a autonomia dos estudantes. Os resultados indicam que abordagens interdisciplinares e flexíveis são fundamentais para potencializar a aprendizagem de alunos com TEA. Estratégias como o ensino estruturado, o suporte visual, a comunicação alternativa e o uso de reforçadores motivacionais demonstram impactos positivos no engajamento e na retenção do conhecimento. Além disso, a personalização do ensino, levando em consideração os diferentes níveis do TEA, contribui para uma maior adaptação dos alunos ao ambiente escolar. Observou-se que a utilização de jogos e atividades lúdicas favorece o desenvolvimento da interação social e das habilidades comunicativas, elementos essenciais para a inclusão efetiva. Logo, metodologias baseadas no ensino colaborativo, onde há envolvimento de profissionais de diferentes áreas, como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos, têm se mostrado mais eficientes na construção de um ambiente escolar acessível e acolhedor. Outro aspecto relevante identificado na pesquisa é a importância da formação docente na implementação de estratégias educacionais para alunos com TEA, uma vez que professores capacitados conseguem adaptar melhor o planejamento pedagógico, reconhecer as necessidades individuais dos alunos e utilizar recursos didáticos apropriados para garantir um ensino significativo e equitativo. Por outro lado, a falta de formação específica para o ensino de alunos com TEA ainda é uma barreira para a efetivação da inclusão escolar. Portanto, os estudos analisados apontam, ainda, que a flexibilização curricular e a adaptação de materiais são práticas essenciais para garantir um ensino mais inclusivo. A combinação de diferentes

estratégias, como o uso de histórias sociais, rotinas visuais e apoio individualizado, favorece um ambiente estruturado e previsível, beneficiando a aprendizagem dos alunos com TEA. Dessa forma, a implementação de práticas educacionais exige uma abordagem integrada e adaptativa, que considera as particularidades de cada estudante. Além disso, a pesquisa destaca a importância da formação docente e do desenvolvimento de políticas públicas que promovam a inclusão e garantam uma educação de qualidade para todos. Assim, o tema se revela fundamental para a construção de um sistema educacional mais equitativo e acessível, no qual a diversidade seja valorizada e respeitada.

**Palavras-chave:** TEA; Educação inclusiva; Estratégias; Formação.

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze educational strategies for teaching students with Autism Spectrum Disorder (ASD), highlighting inclusive and adaptive approaches that promote effective learning. The research, of a qualitative nature and based on a bibliographical review, was carried out in 8 (eight) productions, where it examined different pedagogical methodologies described in recent academic studies, emphasizing practices that favor the cognitive, social and emotional development of students with ASD. The school inclusion of students with ASD has been a challenge for educators and managers, requiring curricular, methodological and environmental adaptations that meet the specific needs of this audience. Among the strategies analyzed, the use of visual resources stands out, which facilitate the understanding and organization of information, as well as sensory activities that promote self-regulation and interaction with the learning environment. The use of assistive technology is also effective, providing greater accessibility to educational content and encouraging student autonomy. The results indicate that interdisciplinary and flexible approaches are fundamental to enhancing the learning of students with ASD. Strategies such as structured teaching, visual support, alternative communication and the use of motivational reinforcers demonstrate positive impacts on engagement and knowledge retention. Furthermore, personalizing teaching, taking into account the different levels of Autism Spectrum Disorder, contributes to greater adaptation of students to the school environment. It was observed that the use of games and recreational activities favors the development of social interaction and communicative skills, essential elements for effective inclusion. Therefore, methodologies based on collaborative teaching, where professionals from different areas are involved, such as occupational therapists, speech therapists and psychologists, have proven to be more efficient in building an accessible and welcoming school environment. Another relevant aspect identified in the research is the importance of teacher training in implementing educational strategies for students with ASD. Qualified teachers are able to better adapt pedagogical planning, recognize students' individual needs and use appropriate teaching resources to ensure meaningful and equitable teaching. The lack of specific training for teaching students with ASD is still a barrier to achieving school inclusion. The studies analyzed also point out that curricular flexibility and adaptation of materials are essential practices to guarantee more inclusive teaching. The combination of different strategies, such as the use of social stories, visual routines and individualized support, contributes to a more structured and predictable environment, which benefits the learning process of students with

ASD. It is concluded that the implementation of effective educational strategies for students with ASD depends on an integrated and adaptive approach, considering the particularities of each student. The research reinforces the need for a careful look at teacher training and the development of public policies that promote inclusion and guarantee the right to quality education for all. The importance of the topic lies in its contribution to a more equitable and accessible educational system, where diversity is valued and respected.

**Keywords:** ASD; Inclusive education; Strategies; Training.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>5</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1 Justificativa.....	10
<b>3 OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>12</b>
3.1 Objetivos específicos.....	12
<b>4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
4.1 Transtorno do Espectro Autista: histórico, conceito e características.....	13
4.2 Contexto educacional e formação docente .....	16
4.3 Metodologias pedagógicas no ensino de alunos com TEA na educação básica.....	20
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
5.1 Tipo de pesquisa.....	24
5.2 Local de pesquisa.....	24
5.3 Universo total e universo amostral.....	24
5.4 Instrumentos/técnicas de produção e coleta de dados.....	25
5.5 Análise e discussão dos dados da pesquisa.....	25
5.6 Considerações éticas da pesquisa.....	25
<b>6 CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS PESQUISADOS.....</b>	<b>26</b>
6.1 Quadro 1 – Identificação dos artigos pesquisados.....	26
6.2 Quadro 2 – Estratégias descritas/sugeridas nos artigos.....	30
<b>7 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>32</b>
<b>8 CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo identificar estratégias eficazes para o processo de alfabetização de crianças com TEA, tendo em vista que a alfabetização dessas crianças exige métodos pedagógicos adaptados, uma vez que o TEA afeta aspectos essenciais para o aprendizado, como a comunicação e a interação social. Desse modo, é, portanto, imprescindível compreender os desafios específicos que essa condição impõe ao desenvolvimento infantil, especialmente nas fases iniciais de escolarização.

Para embasar esta pesquisa, é essencial compreender o conceito de “Transtorno do Espectro Autista”, que conforme definido pelo Ministério da Saúde (2022): "O TEA é um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento do indivíduo, interferindo na capacidade de comunicação, linguagem, interação social e comportamento". Essa definição destaca as áreas impactadas pelo TEA, o que reforça a necessidade de práticas educacionais que se adaptem a essas especificidades, garantindo uma experiência de aprendizado mais inclusiva e eficaz.

Considerando as lacunas encontradas nas redes de ensino, principalmente no que diz respeito à alfabetização e à acessibilidade, este trabalho adota uma abordagem bibliográfica e analítica. Sendo assim, busca-se investigar como as práticas pedagógicas influenciam diretamente a inclusão de alunos com TEA, analisando as limitações atuais e propondo alternativas para uma alfabetização mais adequada e inclusiva. Esse enfoque permite uma análise aprofundada das práticas pedagógicas já existentes e das possíveis inovações que poderiam ser implementadas.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para o desenvolvimento de programas de formação docente, a criação de políticas educacionais mais inclusivas e principalmente a implementação de estratégias pedagógicas mais adaptadas às necessidades das crianças com TEA. Dessa forma, contribuir para um ambiente escolar que favoreça o desenvolvimento integral desses alunos, garantindo o direito à educação de qualidade e à inclusão social. Para isso, é fundamental que as práticas pedagógicas sejam continuamente aprimoradas, considerando as necessidades específicas dos estudantes com TEA e fomentando um ensino verdadeiramente acessível e eficaz.

Segundo o Ministério da Saúde (2022), o TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social, padrões de comportamento repetitivos e interesses seletivos. Suas manifestações variam em níveis, podendo exigir suporte contínuo ou permitir maior autonomia, além disso, indivíduos

com TEA podem apresentar sensibilidades sensoriais alteradas e desafios no desenvolvimento da linguagem. Sendo assim, crianças diagnosticadas com TEA, necessitam de acompanhamento personalizado, no entanto, diante o diagnóstico é notório a exclusão e escassez de suportes necessários para garantir a alfabetização e inclusão dessas crianças.

De acordo com a autora e pesquisadora Magda Soares (2004), que dedicou-se ao estudo da alfabetização, esse processo tem como objetivo principal possibilitar a aprendizagem da leitura e da escrita. Para isso, envolve o desenvolvimento das habilidades de reconhecimento das letras, a compreensão dos elementos que compõem a escrita e a capacidade de formar palavras por meio da particularidade das sílabas. Pensando para além disso, a alfabetização é uma inserção social, na qual, prepara e inclui as crianças e também jovens e adultos, para compreender e participar do mundo em que os cercam, tendo em vista as especificidades dos alunos, é necessário voltar o olhar para os desafios que compõem esse processo de alfabetização, dando ênfase às estratégias precisas para garantir a inclusão das crianças com TEA.

Partindo do objetivo da alfabetização supracitado, é essencial destacar os desafios relacionados à inclusão de crianças com TEA, sendo assim, vale destacar que um dos principais obstáculos reside nas lacunas tanto na formação acadêmica inicial dos professores quanto na formação continuada, refletindo-se em dificuldades para atender às necessidades específicas desses alunos. Além disso, há falhas no suporte pedagógico personalizado, bem como investimentos escassos em infraestrutura e recursos adequados. A ausência de materiais e equipamentos adaptados, como de escrita, pranchetas inclinadas, mesas planejadas em altura, acessórios de redução sensorial, metodologias adaptadas e materiais táteis e visuais, comprometem o desenvolvimento pleno da aprendizagem. Com base nesse cenário, lançamos o seguinte questionamento: “As práticas e estratégias pedagógicas atuais contribuem para a inclusão dos alunos com TEA no processo de alfabetização?”. Essa reflexão será aprofundada ao longo da presente pesquisa.

## **1.1 Justificativa**

Ao longo da minha formação acadêmica, percebi de forma clara e explícita as lacunas existentes no que tange à preparação adequada de futuros professores para lidar com crianças e jovens com TEA. Durante os estágios obrigatórios e não obrigatórios que realizei, tive a oportunidade de observar, na prática, o quanto me sentia despreparada e leiga em relação a esse tema, o que me deixou preocupada com a minha capacidade de oferecer uma educação

inclusiva e de qualidade para esses alunos. Essa experiência despertou em mim uma reflexão profunda sobre a importância de aprimorar meus conhecimentos e desenvolver habilidades específicas para trabalhar com crianças e jovens com TEA.

Diante dessa constatação, decidi dedicar meu trabalho de conclusão de curso a essa temática, com o objetivo de não apenas suprir essas lacunas pessoais, mas também contribuir para o avanço das discussões sobre o tema dentro do campo educacional. Sendo assim, essa pesquisa é essencial para meu crescimento profissional e para que eu possa, no futuro, atuar de forma mais consciente e eficaz no atendimento das necessidades educacionais dos alunos com TEA, promovendo uma inclusão real e significativa para todos os alunos. Além disso, é válido destacar o papel do pedagogo nesse processo, pois, é na fase de alfabetização em que deve ser trabalhado a autonomia, comunicação e socialização, logo, nesse processo, o pedagogo deve estar atento aos sinais que podem levar ao diagnóstico do TEA. Portanto, promover a conscientização, investir em educação e estimular o diálogo são passos essenciais para enfrentar as complexidades associadas a essa questão, proporcionando um impacto positivo no cenário geral.

Destarte, é de extrema importância enquanto futuros docentes nos aprofundarmos nas diversas temáticas que rodeiam o âmbito educacional, visando uma formação agregadora e que contribua com a sociedade. Sendo assim, é necessário compreender os desafios que cercam o processo de alfabetização para crianças com TEA, visando promover estratégias que gerem inclusão e confrontem as problemáticas existentes, almejando superar os desafios que perpetuam. Portanto, vale destacar que combater a exclusão e promover uma sociedade igualitária é uma missão de todos, por conseguinte, o alcance desse objetivo, é possível através da problematização e conscientização para além das escolas.

Nesse sentido, a desinformação subsequente contribui para o aumento dessas problemáticas que, em concordância com Cavaco (2020), para serem superadas, precisam ser abordadas, estudadas e discutidas socialmente. Logo, é crucial ressaltar que superar esses desafios pode levar a avanços significativos no diagnóstico precoce e nas estratégias de tratamento. Em resumo, falar sobre o supracitado tema é essencial para criar uma sociedade mais inclusiva, compreensiva e solidária, proporcionando suporte adequado e oportunidades para todas as pessoas, independentemente de suas características neuro divergentes.

Sendo assim, problematizar essa questão, mobiliza para que a sociedade tencione uma melhoria, incentivando a conscientização sobre a existência e a diversidade desse transtorno, bem como, a necessidade de estratégias específicas e inclusivas no âmbito escolar, isso contribui para reduzir o estigma associado ao TEA e promover uma compreensão mais

inclusiva e aceitadora. Além disso, a discussão pública sobre o TEA fomenta o financiamento de pesquisas que buscam compreender melhor as causas, os fatores de risco e as intervenções eficazes, que resultem em soluções para as problemáticas ressaltadas.

Este estudo tem como objetivo geral identificar estratégias utilizadas no processo de alfabetização de crianças com TEA, buscando compreender como as práticas pedagógicas e as estratégias influenciam a inclusão desses alunos. Para alcançar esse objetivo, serão explorados aspectos específicos relacionados à estratégias pedagógicas que favorecem a alfabetização de crianças com TEA, priorizando abordagens que respeitem suas necessidades e promovam a inclusão. Entre essas estratégias, a pesquisa também visa analisar os desafios enfrentados pelos docentes durante esse processo, proporcionando uma visão abrangente das práticas e dificuldades que permeiam o processo de alfabetização de crianças com TEA e contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva e eficaz.

### **3 OBJETIVO GERAL**

Identificar as estratégias no processo de alfabetização de crianças com TEA, com o intuito de compreender como as práticas pedagógicas influenciam a inclusão dos alunos. Além disso, busca-se, por meio da pesquisa, divulgar sugestões de estratégias pedagógicas que possam contribuir para um ensino mais acessível e inclusivo.

#### **3.1 Objetivos Específicos**

- Descrever a formação dos professores;
- Identificar os recursos e suportes disponíveis utilizados pelos professores na alfabetização de crianças com TEA;
- Identificar os desafios enfrentados pelos professores no processo de alfabetização de crianças com TEA.

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1 Transtorno do Espectro Autista: histórico, conceito e características

O autismo foi inicialmente descrito em 1943 pelo psiquiatra austro-americano Leo Kanner, ao diagnosticar 11 crianças com características específicas que ele observou como incomuns. O psiquiatra Kanner nomeou a condição de "Transtorno Autístico do Contato Afetivo", destacando as dificuldades dessas crianças em estabelecer vínculos emocionais e interações sociais. Em seus estudos, o psiquiatra também estabelece os padrões repetitivos de comportamento, interesses restritos e uma tendência à preservação da rotina, características que hoje ainda fazem parte dos critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista.

Próximo a isso, no ano de 1944, o renomado psiquiatra Hans Asperger, publicou o artigo "A psicopatia autista na infância", sendo assim, o autismo foi entendido pelo autor e psiquiatra, como característica da esquizofrenia. O pesquisador Asperger, observou que a condição afetava principalmente meninos, que demonstravam dificuldades em desenvolver empatia, formavam poucas amizades, apresentavam conversação focada apenas em seus próprios interesses, tinham uma concentração intensa em determinados temas e exibiam movimentos corporais descoordenados. Essas crianças eram frequentemente chamadas de "pequenos professores" pela capacidade de falar sobre determinados assuntos com grande profundidade e detalhe. No entanto, devido ao contexto social da época, no qual todas as atenções estavam voltadas para a segunda guerra mundial, o referido artigo não recebeu a atenção esperada.

Apenas em 1980, após a tradução do artigo publicado por Asperger, o assunto recebeu a atenção e visibilidade desejada pelo autor, sendo assim, reconhecido como um dos pioneiros, juntamente com o psiquiatra Kanner. Por volta da década de 1950, a Associação Americana de Psiquiatria publica a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais DSM-1, criado com o intuito de facilitar o diagnóstico e tratamento, tornando-se referência mundial para pesquisadores e clínicos do segmento. Sendo assim, a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-1) classifica os sintomas do autismo como parte da esquizofrenia infantil, sem ainda diferenciá-lo como condição independente.

Em decorrência disso, até a década de 1960, surgiram muitas controvérsias sobre a natureza do autismo. A ideia predominante na época era de que o distúrbio seria causado por genitores emocionais distantes, hipótese conhecida como a 'teoria da mãe geladeira', proposta

por Leo Kanner. Contudo, a partir dos anos 60, cresceram as evidências mostrando que o autismo seria um transtorno cerebral presente desde a infância, encontrado em diferentes países e entre diversos grupos socioeconômicos e étnico-raciais. Esse conceito aproxima-se do conceito atual, logo, Leo Kanner tentou se retratar e, mais tarde, a teoria mostrou-se totalmente infundada.

Posteriormente, em 1978, o psiquiatra Michael Rutter redefine o autismo como um distúrbio do desenvolvimento cognitivo, estabelecendo critérios que ajudaram a compreender melhor o transtorno, criando uma definição a partir de quatro critérios, sendo eles: atraso e desvios sociais não só como deficiência intelectual; problemas de comunicação não só em função de deficiência intelectual associada; comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos (repetições); possuindo como início antes de 1 ano e 8 meses de idade.

Em 1980 a terceira edição do DSM (DSM-III) reconheceu o autismo como uma condição específica, categorizada entre os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Esse conceito evidencia que o autismo e as condições relacionadas envolvem múltiplas áreas do funcionamento cerebral, incluindo aspectos cognitivos, sensoriais, emocionais e sociais, resultando em desafios variados na comunicação e na interação. No ano seguinte, em 1981, a psiquiatra Lorna Wing desenvolveu o conceito de espectro autista e cunhou o termo "Síndrome de Asperger", ajudando a expandir a compreensão sobre a diversidade de manifestações de autismo.

O DSM-IV, publicado em 1994, classificou o autismo como parte dos "Transtornos Pervasivos do Desenvolvimento" (TPDs), englobando também a síndrome de Asperger e outros transtornos relacionados. Logo, novos critérios para o autismo foram analisados e com isso, a Síndrome de Asperger é adicionada ao *DSM*, ampliando o espectro do autismo, onde passou a comportar os casos identificados como mais leves, em que os indivíduos tendem a ser mais funcionais. Nesta edição, o diagnóstico de autismo foi baseado em critérios específicos para distinguir o transtorno de outras condições, destacando dificuldades nas áreas de comunicação, interação social e comportamento. Embora tenha contribuído para a consolidação do entendimento do autismo como um transtorno neuropsiquiátrico, o DSM-IV foi posteriormente revisado no DSM-5.

A história do diagnóstico e entendimento acerca do TEA, é marcada por avanços e retrocessos, no entanto, não se pode negar a importância dos estudos, tendo em vista, que por meio das teorias foi possível avançar rumo a melhoria na condição de vida das crianças, jovens e adultos que são diagnosticados com TEA. Um desses avanços foi em 2007, quando a

Organização das Nações Unidas (ONU), instituiu o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo para chamar atenção da população em geral para a importância de conhecer e tratar o transtorno.

Em 2012, a Lei nº 12.764 instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista no Brasil, marcando um avanço significativo ao assegurar direitos fundamentais para pessoas com TEA. A legislação garante acesso a diagnóstico precoce, tratamento e terapias pelo Sistema Único de Saúde (SUS), além de proteção social, educação inclusiva e igualdade de oportunidades no trabalho. No ano seguinte, em 2013, com a publicação do DSM-V, houve uma reclassificação significativa, sendo assim, o autismo deixou de ser uma categoria separada dentro dos Transtornos Pervasivos do Desenvolvimento e passou a ser definido como um único transtorno: o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa mudança apresentada refletiu melhor a ampla gama de manifestações do transtorno, incluindo variações em severidade, e eliminou a necessidade de subtipos como o autismo clássico e a síndrome de Asperger.

Além disso, o DSM-V adotou critérios mais amplos e uma análise dimensional, permitindo um diagnóstico mais preciso e inclusivo, levando em consideração os diferentes níveis de apoio que as pessoas necessitam. Vale ressaltar que de acordo com as informações coletadas no DSM-V, atualmente, dentro do Transtorno do Espectro Autista, há três níveis, níveis de gravidade, ou de necessidade de suporte, de acordo com o DSM-V. Sendo eles; Nível 1: autismo leve, que exige pouco suporte, nível 2: o autismo moderado, que exige um suporte razoável e nível 3: o autismo severo, que requer muito suporte.

O maior estudo realizado em 2014, sobre as causas do autismo foi conduzido por pesquisadores da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), e publicado na revista *JAMA Psychiatry*, possuía como objetivo fornecer estimativas de agregação familiar e herdabilidade do TEA. Esse estudo revelou que fatores ambientais têm importância comparável à genética no desenvolvimento do transtorno, desafiando estimativas anteriores que atribuíam de 80% a 90% do risco exclusivamente à genética. Posteriormente, em 2015, foi sancionada a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), instituindo o Estatuto da Pessoa com Deficiência e ampliando a proteção e igualdade de direitos para pessoas com TEA, ao definir deficiência como um impedimento de longo prazo em várias esferas. Além disso, de acordo com a Lei nº 13.977/2020, "a Ciptea tem como objetivo identificar a pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garantindo a prioridade de atendimento e o acesso a serviços públicos e privados".

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2015, estima-se que 2 milhões de pessoas no Brasil tenham algum grau de Transtorno do Espectro Autista, enquanto, globalmente, esse número chega a cerca de 70 milhões. O autismo, chamado de Transtorno do Espectro Autista, caracteriza-se por variações no desenvolvimento neurológico, com comprometimentos que podem ocorrer em diferentes graus, sejam eles leves, moderados ou severos. É importante destacar que, devido à amplitude do espectro, as manifestações do autismo variam muito entre as pessoas afetadas, o que exige um olhar atento e individualizado sobre cada caso. Posteriormente, em 2022, a Classificação Internacional de Doenças (CID) passa a adotar o termo Transtorno do Espectro do Autismo, unificando diagnósticos sob esta classificação, sendo assim, o CID-11 adota a nomenclatura TEA.

Segundo Cavaco (2020, p. 30), o autismo é um transtorno que afeta o desenvolvimento global da criança, particularmente na área de interação social recíproca. O autor aponta que esse comprometimento se reflete em uma série de comportamentos não verbais, como a dificuldade no contato visual, o uso inadequado de expressões faciais para expressar emoções e situações, gestos desajustados e posturas corporais que frequentemente também são inadequadas ao contexto. A ausência ou inadequação desses comportamentos é um dos grandes desafios que crianças com o transtorno enfrentam, sobretudo em ambientes sociais e educacionais. Esses indicadores variam conforme a idade da criança, seu grau de desenvolvimento e sua capacidade de compreensão e interação com o meio social em que está inserida.

#### **4.2 Contexto educacional e formação docente**

É fundamental entender a importância da alfabetização e sua relação com o desenvolvimento cognitivo e social, tanto no Brasil quanto em outras sociedades ao longo da história. A escrita, como uma forma de comunicação estruturada, remonta ao século XIII a.C., e os gregos são frequentemente considerados pioneiros na criação e disseminação da linguagem escrita. Para além da produção literária, a escrita foi crucial para organizar relações sociais e consolidar sistemas de poder. Em concordância, Melo e Marques (2017) destacam que a alfabetização exerce um impacto significativo, influenciando diretamente as estruturas sociais e o desenvolvimento das civilizações. Esse impacto pode ser atribuído no

legado grego, cuja valorização da escrita e da educação ainda permeia os currículos escolares contemporâneos.

Especificamente no contexto brasileiro, a alfabetização tem sido uma ferramenta crucial para a inclusão social, não apenas no sentido de adquirir competências básicas de leitura e escrita, mas também como uma forma de acessar o conhecimento e participar plenamente das dinâmicas sociais. Para isso, Tfouni (2010) argumenta que as sociedades alfabetizadas, que surgiram entre os séculos V e VI a.C., marcaram o início de uma era de transformações filosóficas e científicas que influenciaram profundamente a educação e a organização social. Assim, Silva e Morais (2012) apontam que, entre os anos de 1880 e 1920, no Brasil, a alfabetização passou a ser associada à civilização e ao progresso, refletindo sua importância no desenvolvimento social, nesse contexto, a escrita não é apenas uma habilidade técnica, mas uma forma de participação ativa na sociedade.

Entre as décadas de 1980 e 1990, os debates sobre os métodos de alfabetização se intensificaram, contrapondo abordagens tradicionais, como os sistemas alfabético e fonético, a propostas mais modernas. Nesse contexto, destaca-se o método analítico das palavras, desenvolvido pelo poeta português João de Deus, que inovou o ensino da leitura ao introduzir a *Cartilha Maternal ou Arte de Ler*. Sua proposta enfatizava a análise fonética das palavras, promovendo uma abordagem mais intuitiva e menos mecânica no processo de alfabetização (MORTATTI, 2019). Portanto, a introdução de métodos inovadores na alfabetização, que buscavam ir além da memorização e da repetição mecânica, marcou um ponto de virada na história da educação brasileira, permitindo que mais pessoas tivessem acesso à educação formal.

Defensores do positivismo, como Silva Jardim (1860-1891), acreditavam que a adoção de abordagens pedagógicas mais científicas e sistemáticas no ensino poderia impulsionar o progresso social e contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais civilizada. Em consonância com Silva Jardim (1860-1891), Piaget (1975) argumentava que o conhecimento é adquirido pelo sujeito à medida que ele interage com os objetos físicos e, nesse caso, também ao se relacionar com outros indivíduos. No contexto da Comunicação Interativa (CI), uma dessas interações pode envolver a criança autista, e resultar em progresso cognitivo e social.

É interessante observar que o debate sobre métodos de alfabetização ainda persiste nos dias de hoje, especialmente quando consideramos o desafio de ensinar crianças com necessidades especiais, como aquelas diagnosticadas com TEA. Logo, a individualidade dos processos de desenvolvimento dessas crianças exige métodos que não se baseiam apenas em

técnicas gerais, mas que considerem suas particularidades e necessidades específicas. Tendo em vista que crianças com TEA frequentemente apresentam padrões de aprendizado que diferem significativamente dos demais alunos, demandando estratégias pedagógicas que levem em conta não apenas as habilidades cognitivas, mas também as emocionais e sociais.

Vygotsky (1997), em seus estudos sobre o desenvolvimento infantil, destaca que o autismo afeta profundamente o desenvolvimento global da criança, com impacto significativo na interação social recíproca. O autor destaca que as crianças com TEA apresentam dificuldades graves em comportamentos não verbais, como o contato visual e a expressão facial, que são componentes essenciais para a efetividade da comunicação social. Esses comportamentos não apenas dificultam a interação com colegas e professores, mas também comprometem significativamente a capacidade da criança de participar de forma plena e eficaz no ambiente educacional, o que pode prejudicar seu desenvolvimento acadêmico e social. Essa realidade evidencia a necessidade de práticas pedagógicas adaptadas e de um ambiente escolar mais inclusivo, que considere as especificidades do TEA para garantir uma educação mais equitativa e acessível. Para Vygotsky (1997), é essencial compreender que a educação deve ser adaptada às necessidades individuais de cada criança, reconhecendo suas particularidades e proporcionando estratégias que facilitem seu aprendizado.

Todavia, Cavaco (2020) reforça que os indicadores de autismo variam em seu grau de manifestação, dependendo da idade da criança, de sua compreensão e interesse em relação aos outros. Isso ressalta a importância de uma abordagem individualizada na educação dessas crianças. Em termos práticos, isso significa que as estratégias educacionais precisam ser adaptadas para atender às necessidades específicas de cada aluno com TEA, reconhecendo que, mesmo dentro do espectro autista, há uma grande diversidade de capacidades e desafios. Portanto, é essencial que o ambiente educacional seja flexível e sonoro, capaz de se ajustar às particularidades de cada aluno, promovendo uma aprendizagem mais eficaz e inclusiva.

A formação específica dos professores para lidar com crianças com TEA é uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo sistema educacional brasileiro. Segundo Cavaco (2020), a falta de capacitação específica dificulta a implementação de práticas pedagógicas eficazes. Cavaco (2020) destaca que o autismo se manifesta de forma diversificada, com diferentes níveis de gravidade, e cada aluno com TEA possui necessidades particulares que exigem uma abordagem individualizada. Logo, a carência de um currículo de formação continuada para os educadores agrava a situação, limitando a criação de ambientes inclusivos que favorecem o desenvolvimento social desses alunos. Além disso, o estudo aponta que a implementação de políticas públicas externas para a inclusão escolar, como o atendimento

especializado e a adaptação curricular, é essencial para garantir que os alunos com TEA possam usufruir de uma educação de qualidade.

Apesar das políticas públicas voltadas para a inclusão, muitas escolas ainda carecem de profissionais capacitados para adaptar o currículo e as práticas pedagógicas às necessidades dos alunos com TEA. Isso leva a uma sobrecarga dos professores, que muitas vezes não têm os recursos ou o conhecimento necessário para fornecer o suporte adequado. Sendo assim, a formação docente para o ensino de alunos com TEA deve ser vista como um processo fundamental para garantir que a inclusão escolar seja efetiva. Essa formação envolve não apenas o conhecimento sobre as características do TEA, mas também a compreensão das implicações legais e sociais que envolvem a educação de alunos com esse transtorno.

Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC), por meio das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, destaca a importância de uma formação contínua e inclusiva para os educadores. De acordo com o MEC (2009), “a formação dos profissionais da educação deve ser voltada para o atendimento educacional especializado, com o objetivo de garantir a equidade no ensino e aprendizagem, atendendo às necessidades específicas dos alunos com deficiência, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista”. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012) buscam garantir os direitos de pessoas com deficiência, incluindo aquelas diagnosticadas com TEA. Essas leis exigem que as escolas ofereçam um atendimento especializado e adaptado às necessidades desses alunos, o que, por sua vez, coloca uma pressão significativa sobre a formação dos professores. Sendo assim, também corrobora essa necessidade, ao enfatizar que “o ensino de crianças com deficiência deve ser feito de forma integrada ao ensino regular, com a devida adaptação curricular e apoio pedagógico especializado” (BRASIL, 2015).

Contudo, o MEC ainda enfrenta desafios na implementação eficaz dessas políticas, especialmente no que diz respeito à ampliação da formação docente, ou seja, a formação docente, de acordo com o MEC, deve ser "sistemática, abrangente e focada nas necessidades dos alunos com TEA", garantindo que os educadores sejam devidamente preparados para enfrentar as especificidades desse transtorno e atender de forma eficaz e inclusiva. Contudo, o sistema educacional brasileiro ainda enfrenta desafios em relação à preparação dos docentes, pois a falta de capacitação específica e a carência de recursos em muitas escolas públicas dificultam a aplicação prática de uma educação inclusiva efetiva. Por outro lado, os professores muitas vezes se veem sobrecarregados, sem o conhecimento necessário para lidar

com as especificidades de alunos com TEA, o que pode comprometer a qualidade da educação oferecida. Além disso, a formação inicial dos professores nem sempre contempla de forma suficiente as questões relacionadas ao TEA, o que torna a formação continuada uma estratégia essencial para suprir essa lacuna.

Ademais, a formação docente também deve ser entendida como um processo contínuo, que não se limita aos cursos de graduação, sendo assim, a atualização constante, por meio de cursos de formação continuada e participação em programas específicos de capacitação, é fundamental para que os educadores possam acompanhar as novas pesquisas sobre o TEA, as atualizações legislativas e as melhores práticas pedagógicas e sociais. Nesse sentido, é crucial que as políticas públicas incentivem a formação contínua dos docentes, garantindo que os professores não só adquiram conhecimento teórico, mas também saibam como aplicá-lo em sua prática diária com os alunos.

Destarte, outro ponto importante é que a formação docente deve levar em consideração a diversidade dentro do próprio espectro autista. Como o TEA se manifesta de formas variadas em diferentes alunos, é imprescindível que os professores sejam preparados para lidar com a pluralidade de características que esses alunos podem apresentar. Isso inclui a compreensão das variações na gravidade dos sintomas, bem como das necessidades individuais que cada aluno pode ter, como os aspectos cognitivos, emocionais e sociais do desenvolvimento.

Portanto, a formação docente para o ensino de alunos com TEA deve ser uma prioridade para o sistema educacional, não apenas no que se refere ao conhecimento teórico sobre o transtorno, mas também no que diz respeito ao desenvolvimento de competências e habilidades para lidar com a diversidade e os desafios da inclusão. O sucesso da educação inclusiva depende da capacitação dos professores, das políticas públicas de apoio e da criação de ambientes educacionais que respeitem e valorizem a diversidade de todos os alunos.

### **4.3 Metodologias pedagógicas no ensino de alunos com TEA na educação básica**

É lícito destacar como fator crítico a falta de recursos especializados nas escolas, como; a ausência de materiais adaptados, tecnologias assistivas e apoio psicológico, sendo eles como um grande obstáculo para a inclusão de alunos com TEA. Logo, sem esses recursos, os alunos enfrentam dificuldades em acessar o currículo e participar plenamente das atividades escolares. Conforme observado, a inclusão deve ir além da simples presença física

na sala de aula, para ser verdadeiramente inclusiva, a escola precisa oferecer um ambiente em que a criança se sinta acolhida e onde suas necessidades sejam atendidas de forma integral.

Essa falta de suporte reflete-se também na transição entre diferentes níveis de ensino, que muitas vezes é um processo desafiador para alunos com TEA, que sem um acompanhamento adequado, as crianças podem enfrentar dificuldades de adaptação, o que prejudica seu desenvolvimento acadêmico e social. Sendo assim, a falta de continuidade no suporte é um fator que muitas vezes leva ao abandono escolar ou à falta de progresso no aprendizado. De forma a corroborar, os estudos de Vygotsky (1997), em consonância com Cavaco (2020), ressaltam que a interação social é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional. No entanto, é importante lembrar que para alunos com TEA, essa interação nem sempre ocorre naturalmente. Portanto, o papel do professor é crucial para mediar essas interações e criar oportunidades para que a criança se envolva no processo de aprendizagem de maneira ativa.

O estigma social é, de fato, um desafio crucial que impacta profundamente a vida de crianças com TEA, tanto no ambiente escolar quanto em outros contextos sociais, embora haja um avanço considerável nas discussões sobre inclusão e aceitação de pessoas com autismo, o preconceito e a discriminação ainda persistem. Uma vez que crianças com TEA frequentemente enfrentam atitudes discriminatórias, tanto de colegas quanto de educadores, o que afeta diretamente seu bem-estar emocional, autoestima e capacidade de se engajar no processo educacional. Desse modo, o estigma social, que muitas vezes resulta de um desconhecimento generalizado sobre o autismo e suas características, cria barreiras invisíveis que podem inibir essas crianças de participarem plenamente da vida escolar e de formarem conexões sociais significativas.

Contudo, essas atitudes discriminatórias podem se manifestar de várias maneiras: desde a exclusão social, como não serem convidadas para atividades em grupo, até comentários maldosos ou a falta de paciência por parte de colegas que não compreendem suas particularidades. Outro fator agravante é quando os próprios educadores, que deveriam ser agentes de inclusão, contribuem para essa discriminação, seja por não terem conhecimento suficiente sobre o autismo ou por manterem expectativas rígidas e inadequadas sobre o comportamento e desempenho desses alunos, o que reforça a necessidade urgente de se implementar campanhas de conscientização e programas de treinamento contínuos nas escolas.

Seguindo essa perspectiva, as escolas devem investir não apenas em adaptações pedagógicas e métodos de ensino diferenciados, mas também em ações sistemáticas de

conscientização. Tal, inclui campanhas que expliquem o que é o TEA, seus diferentes níveis e como ele afeta o comportamento e a interação social. Logo, tais campanhas podem ajudar a sensibilizar tanto os alunos quanto os profissionais da educação para a realidade vivida pelas crianças com TEA, promovendo empatia, respeito e solidariedade. Além disso, é essencial que essas ações sejam contínuas e integrem o cotidiano escolar, pois a simples inclusão de alunos com TEA em ambientes escolares sem uma preparação adequada do restante da comunidade não é suficiente para garantir um ambiente verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

Vygotsky (1997), em seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo, destaca a importância da interação social para o aprendizado e para o desenvolvimento emocional das crianças, desse modo, ele argumenta que a aprendizagem ocorre em um contexto social, através das interações com os outros, e que o desenvolvimento cognitivo é, em grande parte, moldado por essas interações. Sendo assim, essa ideia se aplica a todos os alunos, inclusive aqueles com TEA, embora, nesse caso, essas interações nem sempre ocorram naturalmente. Tendo em vista que as crianças com autismo frequentemente têm dificuldades em estabelecer e manter interações sociais, devido às suas características, como problemas na comunicação verbal e não verbal, dificuldade em entender as emoções e intenções dos outros e a tendência de se focar em interesses restritos.

“Seymour Papert defende que o aprendizado ocorre por meio de um processo ativo e construtivo, onde as crianças são protagonistas do seu próprio desenvolvimento” (MASSA; OLIVEIRA; SANTOS, 2022, p. 115). Isso implica que, para os alunos com TEA, o papel do professor se torna fundamental, uma vez que ele deve atuar como mediador e facilitador do processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas também um mediador das relações sociais na sala de aula, cabendo a ele criar e facilitar oportunidades de interação, tanto entre os alunos com TEA e seus colegas, como também, entre esses alunos e o conteúdo a ser aprendido. Tal situação pode ocorrer através da utilização de atividades em grupo estruturadas de maneira a incluir todos os alunos, oferecendo apoio quando necessário, para que as crianças com TEA possam participar ativamente das dinâmicas e desenvolver suas habilidades sociais e cognitivas. Assim, é fundamental que o professor esteja preparado para lidar com as particularidades de cada aluno e que possa adaptar suas práticas pedagógicas para promover um ambiente de aprendizagem inclusivo.

Além disso, Vygotsky (1997) defende que não é a deficiência em si que define a criança, mas as condições de aprendizado oferecidas a ela. Em outras palavras, o ambiente

em que a criança está inserida, incluindo o suporte emocional, social e pedagógico, é determinante para seu desenvolvimento. Logo, ele sugere que, com as ferramentas certas — como materiais didáticos adaptados, atividades ajustadas às necessidades específicas e o apoio contínuo de professores qualificados — as crianças com TEA têm o potencial de se desenvolver tanto quanto qualquer outra. Portanto, isso implica que o sucesso de uma criança com autismo no ambiente escolar não depende exclusivamente de suas habilidades inatas, mas, sobretudo, do tipo de apoio que ela recebe e das oportunidades de aprendizado que lhe são oferecidas.

Essa visão de Vygotsky (1997) é plenamente compreensível, tendo em vista, que, com o suporte adequado, às crianças com TEA podem, de fato, alcançar seu pleno potencial e participar de maneira significativa na sociedade. Sendo assim, o autismo, por si só, não deve ser visto como um impedimento para o aprendizado ou para a participação social, tendo em vista que com a abordagem certa, essas crianças podem desenvolver suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais, contribuindo ativamente para o ambiente escolar e, mais tarde, para a comunidade em que estão inseridas.

De acordo com a análise, a chave para o sucesso educacional e social de crianças com TEA está na combinação de práticas pedagógicas inclusivas, suporte emocional e uma mudança cultural em relação ao autismo, ou seja, não basta apenas oferecer recursos pedagógicos, como materiais adaptados ou métodos diferenciados de ensino; é preciso criar um ambiente onde essas crianças se sintam acolhidas, compreendidas e respeitadas. Por conseguinte, isso inclui, como já mencionado, a conscientização da comunidade escolar, para que todos — desde os colegas até os funcionários — entendam e aceitem as diferenças das crianças com TEA. Ao fazer isso, estamos não apenas cumprindo uma obrigação moral de inclusão, mas também abrindo espaço para que essas crianças floresçam e alcancem todo o seu potencial.

Em suma, o processo de inclusão de crianças com TEA nas escolas envolve muito mais do que garantir que elas tenham acesso ao currículo regular, portanto, se faz necessário um esforço conjunto para transformar o ambiente escolar em um espaço acolhedor, onde essas crianças possam interagir socialmente e aprender de forma significativa. Contudo, o professor, como mediador das interações e facilitador do aprendizado, desempenha um papel central nesse processo, criando condições adequadas para que as crianças com autismo possam se desenvolver cognitivamente e emocionalmente. Ademais, como defende Vygotsky (1997), com as condições certas de aprendizagem, as crianças com TEA podem não apenas

aprender, mas também se envolver ativamente em suas comunidades, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e diversa, desenvolvendo-se integralmente.

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa é do tipo bibliográfica, com foco em revisão de literatura, para isso, vale mencionar que segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica baseia-se em material já elaborado, como livros, artigos científicos e outros documentos disponíveis em bibliotecas físicas ou virtuais. Esta escolha justifica-se pela necessidade de explorar as principais estratégias pedagógicas utilizadas no processo de alfabetização de crianças com TEA, por meio da análise de estudos e teorias já consolidadas. Contudo, a investigação bibliográfica proporcionou um embasamento teórico robusto, permitindo identificar práticas eficazes e verificar lacunas existentes na literatura.

### **5.2 Local de pesquisa**

Como se trata de uma pesquisa de caráter bibliográfico, não houve um local físico de pesquisa específico, uma vez que a coleta de dados se deu por meio de acesso a bibliotecas virtuais, como Google Scholar, Scielo, PubMed e ERIC, além de repositórios acadêmicos de Teses e Dissertações. Além disso, foram também consultados documentos digitais de fontes confiáveis para garantir a validade científica dos dados obtidos. Portanto, não há envolvimento de sujeitos humanos, o que dispensa a necessidade de um campo de pesquisa presencial.

### **5.3 Universo total e universo amostral**

O universo total da pesquisa é composto por estudos acadêmicos e revisões teóricas sobre estratégias pedagógicas aplicadas ao processo de alfabetização de crianças com TEA, publicados nos últimos dez anos (2014-2024). A pesquisa não envolve amostra de sujeitos humanos, visto que seu foco é a análise de materiais documentais já disponíveis. Além disso, a seleção dos estudos foi realizada com base em critérios de inclusão e exclusão, como a relevância para o tema, disponibilidade de textos completos e foco em alfabetização e intervenções pedagógicas em TEA.

#### **5.4 Instrumentos/técnicas de produção e coleta de dados**

Para a coleta de dados, foi utilizada uma busca sistemática nas bases de dados previamente mencionadas, utilizando combinações de palavras-chave como "alfabetização", "Transtorno do Espectro Autista", "estratégias pedagógicas" e "ensino-aprendizagem". Vale destacar que a técnica de triagem incluiu a leitura de títulos e resumos dos estudos, seguida da análise integral dos textos selecionados. Sendo assim, essa abordagem permitiu a identificação de práticas educacionais e intervenções relevantes para o tema de pesquisa, resultando em 8 (oito) trabalhos coletados e analisados.

#### **5.5 Análise e discussão dos dados da pesquisa**

A análise dos dados ocorreu por meio de uma análise de conteúdo, que segundo Bardin (1997), a análise de conteúdo permite categorizar as informações extraídas dos estudos em temas recorrentes, como os tipos de estratégias de alfabetização e os resultados observados em crianças com TEA. Logo, a discussão foi organizada em categorias temáticas, que destacaram as práticas mais eficazes e as implicações pedagógicas dessas estratégias no contexto escolar.

#### **5.6 Considerações éticas da pesquisa**

A pesquisa seguiu os princípios éticos da produção acadêmica, garantindo que todas as fontes e autores consultados sejam devidamente citados. Tendo em vista que não há envolvimento direto de seres humanos, a pesquisa não necessitou de aprovação em comitês de ética. No entanto, os critérios de rigor científico e integridade foram mantidos durante todas as etapas, evitando qualquer forma de plágio ou uso inadequado de fontes, mantendo o compromisso ético e científico, com responsabilidade para com a sociedade.

## 6 CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS PESQUISADOS

### 6.1 Quadro 1 – Identificação dos artigos pesquisados

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autores</b>	<b>Objetivos</b>
<b>Artigo 1 (A1)</b> Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com Transtorno do Espectro Autista.	2016	CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru Shibukawa; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira.	Investigar e descrever o processo de alfabetização de um aluno com TEA inserido em uma classe comum do ensino regular, observando-se as estratégias utilizadas pelo professor no processo de alfabetização e o apoio colaborativo.
<b>Artigo 2 (A2)</b> Métodos de como alfabetizar a criança com Transtorno do Espectro Autista	2018	SOUZA, Márcia Daniella Neres de.	Compreender os métodos de como alfabetizar a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), entendendo como o professor enquanto mediador deve criar práticas pedagógicas para a melhor adaptação e desenvolvimentos da criança com esse transtorno.
<b>Artigo 3: (A3)</b> Elementos fundamentais para o design de jogos digitais com o foco no treino de competências e habilidades de	2021	ARAÚJO, Gisele Silva; JUNIOR, Manoel Osmar Seabra.	Identificar e analisar os elementos fundamentais, apontados pela literatura nacional e internacional, para o design de jogos digitais com o foco no treino de competências e na aquisição de novas habilidades por estudantes com

estudantes com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática.			autismo.
<b>Artigo 4: (A4)</b> Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista : representações do professor	2021	LIMA, Nara Raquel Cavalcanti.	Avaliar a representação do professor acerca do processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista.
<b>Artigo 5: (A5)</b> Proposta de estratégias pedagógicas para o desenvolvimento psicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista no contexto da Educação Infantil	2022	BUSTO, Andressa Mayra de Lima.	Propor recomendações ou possibilidades de estratégias pedagógicas para professores da Educação Infantil com base na relação entre perfil psicomotor de crianças com TEA e as competências indicadas na BNCC.
<b>Artigo 6: (A6)</b> Estratégias pedagógicas para alfabetizar crianças com o Transtorno do Espectro do	2022	JESUS, Camila de; GUAZZELLI, Regina; SOUZA, Sheila Carla de.	Compreender as estratégias de alfabetização utilizadas pelos professores do Ensino Fundamental I com esses alunos no ambiente escolar.

Autismo: o olhar do professor.			
<b>Artigo 7: (A7)</b> Práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos primeiros anos do ensino fundamental.	2023	JOAQUINA, Maria Eduarda; SILVEIRA, Zélia Medeiros.	Teve como objetivo principal analisar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento desses alunos.
<b>Artigo 8: (A8)</b> Estratégias pedagógicas adaptadas para alunos com Transtorno do Espectro Autista-TEA.	2023	FILHO, Dinart Rocha; OLIVEIRA, Laysa Dias Brum de.	Objetivou em analisar a adaptação de estratégias pedagógicas que ajudem no processo de aprendizagem de alunos com Transtorno de Espectro Autista.

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nos dados obtidos.

É válido ressaltar o questionamento inicial o qual o presente trabalho busca explicações e sugestões para resoluções, “As práticas e estratégias pedagógicas atuais contribuem para a inclusão dos alunos com TEA no processo de alfabetização?”. Tal análise foi realizada através de aportes teóricos e produções que foram essenciais para o norteamento da indagação supracitada. Sendo assim, nas buscas realizadas, conforme os filtros descritos, foram localizadas 8 (oito) produções, sendo elas dissertações de TCCs e mestrados, como também, artigos publicados. Todas as produções respeitaram o tempo indicado de 2014 a 2024, uma margem de 10 (dez) anos, visando identificar as estratégias pedagógicas mais atualizadas, mantendo o propósito norteador da pesquisa, proporcionando informações referente a estratégias pedagógicas recentes.

No primeiro quadro apresentado na página 26, estão listadas as informações dos trabalhos analisados, incluindo o título das produções, os/as autores/as, o ano de publicação e os objetivos. Ao analisá-los, percebe-se semelhança nos objetivos almejados, especialmente na escolha dos verbos "compreender", "investigar" e "analisar", que evidenciam uma abordagem metodológica baseada na observação e na pesquisa qualitativa e quantitativa. Além disso, a organização do quadro segue uma ordem cronológica crescente, iniciando com uma produção de 2016 e finalizando com outra de 2023.

Além disso, vale destacar que os trabalhos A1, A2, A3 e A7 possuem objetivos semelhantes, como investigar, identificar e descrever as estratégias pedagógicas utilizadas nas escolas e seu impacto no processo de ensino. Esses estudos focam, principalmente, na alfabetização, com exceção do A7, que também abrange o letramento. O A3, por sua vez, se diferencia dos demais por seu foco específico em jogos digitais como ferramenta pedagógica. Por fim, os trabalhos A4, A5, A6 e A8 têm como foco a análise e compreensão das estratégias pedagógicas. Embora compartilhem esse objetivo, apresentam diferenças significativas. O A6, por exemplo, investiga a perspectiva dos professores sobre as estratégias utilizadas no ensino fundamental I para crianças com TEA. De maneira semelhante, o A4 também aborda a visão docente, mas com ênfase nas recomendações feitas pelos professores, aproximando-se da abordagem do A6. Já o A5 propõe recomendações voltadas especificamente para a educação infantil, enquanto o A8 se concentra na análise das adaptações pedagógicas, ou seja, nas estratégias modificadas para garantir a inclusão e facilitar o processo de alfabetização das crianças com TEA.

Contudo, os artigos analisados apresentam estratégias pedagógicas com objetivos complementares. Os estudos A1, A2, A3 e A7 focam na investigação de práticas voltadas para a alfabetização, sendo que o A3 se destaca pelo uso de jogos digitais e o A7 pelo enfoque no letramento. Já os artigos A4, A5, A6 e A8 têm como objetivo a análise e adaptação de estratégias pedagógicas. O A4 e o A6 trazem a perspectiva dos professores, enquanto o A5 propõe recomendações para a educação infantil. Por fim, o A8 analisa as adaptações necessárias para promover a inclusão de crianças com TEA no processo de alfabetização. Assim, os estudos analisados contribuem significativamente para a prática pedagógica, oferecendo recomendações essenciais para tornar a educação mais inclusiva e eficaz.

## 6. 2 Quadro 2 – Estratégias descritas/sugeridas nos artigos

Artigo 1:(A1)	São destacadas três estratégias principais: o apoio colaborativo entre o professor e a equipe escolar, essencial para o sucesso do aluno; a valorização da comunicação através da escrita, como ferramenta para melhorar a interação; e a adaptação das intervenções pedagógicas para atender às necessidades específicas do aluno.
Artigo 2:(A2)	A prática pedagógica deve incluir recursos visuais, atividades curtas, perguntas diretas e materiais concretos, como massinhas e tintas, para desenvolver habilidades motoras e cognitivas. O uso da ludicidade, como músicas, histórias e jogos, facilita o aprendizado e promove a socialização. Além disso, é fundamental evitar sons altos que possam incomodar e aproveitar a sensibilidade auditiva para explorar ritmos e fonemas.
Artigo 3:(A3)	São propostas estratégias visuais, considerando que o ambiente virtual, um planejamento altamente estruturado e as tarefas de suporte repetitivas podem melhorar a aquisição de funções executivas e habilidades sociais.
Artigo 4:(A4)	As estratégias de motivação incluem: Motivação Auditiva, que explora sons e ritmos para fortalecer a comunicação e percepção auditiva; Motivação Visual, que utiliza imagens como suporte inicial para alfabetização e compreensão da diversidade linguística; Motivação Conversacional, que incentiva o diálogo, mesmo em momentos de silêncio; Motivação para Trabalhar com Números, proporcionando experiências concretas com medidas e formas para desenvolver habilidades matemáticas; Motivação para Representação/Teatralização, que incentiva a empatia e expressão; e Motivação Pictográfica, que utiliza desenho e pintura para promover expressão pessoal e emocional.
Artigo 5:(A5)	As atividades sugeridas promovem o desenvolvimento integral das crianças. A motricidade fina é trabalhada com práticas como empilhar, rosquear, modelar massinha e realizar produções artísticas bidimensionais e

	tridimensionais. Já a motricidade global envolve expressão corporal, dança, teatro e exercícios de equilíbrio. Como também, a temporalidade é estimulada por meio de experimentações com medidas e volumes em atividades como culinária, enquanto a linguagem é explorada em rodas de conversa, dramatizações, música e desenhos.
Artigo 6:(A6)	Desenvolver atividades para conhecimento das letras, estimular a aprendizagem através de jogos e atividades com foco na linguagem, além de trabalhar a leitura individual e realizar leitura em grupo.
Artigo 7:(A7)	O uso de computadores é uma ferramenta atrativa para alunos com TEA, pois combina tecnologia com elementos visuais, como formas e gráficos, que despertam seu interesse, utilizando programas e softwares podem prender a atenção e estimular a curiosidade.
Artigo 8:(A8)	O uso de materiais coloridos atraem sua atenção, além disso a linguagem deve ser objetiva e literal, ademais, proporcionar atividades com tempo delimitado. Planejando aulas lúdicas com personagens favoritos, jogos de palavras e materiais visuais estimulando o aprendizado e incentivando o convívio com colegas sem imposições.

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nos dados obtidos.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O segundo quadro, que encontra-se localizado na página 30, foi destinado para descrever as sugestões de atividades e estratégias pedagógicas que foram analisadas e/ou colocadas em práticas nos trabalhos descritos. Logo nota-se, uma diversidade em sugestões de atividades, como também, é possível perceber semelhanças entre algumas sugestões. Sendo assim, é válido postular que o A1, destaca como estratégia a importância da interação do aluno com o meio, através da adaptação, tornando acessível. Além disso, o apoio colaborativo entre o professor e a equipe escolar, por conseguinte, a maior ênfase é atribuída à escrita, utilizando-a como principal ferramenta para a comunicação da criança.

No entanto, é essencial considerar e respeitar os diferentes níveis do TEA, conforme definido pelo DSM-5, uma vez que cada nível exige abordagens pedagógicas específicas. Portanto, a adaptação das rotinas e atividades devem levar em conta as particularidades de cada aluno, garantindo um ensino estruturado e adequado às suas necessidades. Por outro lado, enquanto alguns estudantes podem necessitar apenas de pequenas modificações no ambiente escolar, outros demandam suporte intensivo e estratégias especializadas para melhorar seu desenvolvimento e participação ativa no aprendizado. Dessa forma, a personalização do ensino não traz apenas a inclusão, mas também potencializa a eficácia das práticas pedagógicas, garantindo um processo educacional mais equitativo e significativo.

Por conseguinte, o artigo A2 que possui como principais estratégias, o foco em recursos visuais, atividades objetivas, utilização de massinhas de modelar e tintas, para atrair a atenção da criança, e estimular a motricidade fina, auxiliando também na criatividade. Além disso, é posto que a música pode-se ser um aliado importante no processo de alfabetização das crianças com TEA, uma vez que, as músicas promovem a socialização e o aprendizado. No entanto, é destacado a necessidade de observar com atenção o gosto da criança, bem como, evitar sons altos, pois, a depender da criança e o nível do TEA, o som alto, ou até mesmo tipos de ritmos, podem agitar e desregular o aluno. De acordo com essas estratégias, vale ressaltar que Piaget (1994) sustenta que o processo de aquisição do conhecimento ocorre à medida que o sujeito interage com o ambiente, seja por meio de objetos físicos ou por meio de interações sociais. Sendo assim, as estratégias pedagógicas descritas pela autora do A2, que incluem estímulo visual, trabalhar com massinha de modelar e objetos concretos em geral, vão ao encontro da ideia de aquisição de conhecimento do estudioso Piaget (1994). No entanto, no caso da criança com TEA, essas interações podem ser desafiadoras ou

diferenciadas, mas ainda assim são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, embora de forma única, a exemplo disso, como supracitado a utilização de sons.

Em comparação com A2, o A3 traz uma outra perspectiva de estratégias pedagógicas para o processo de alfabetização de crianças com o TEA, assim, destaca-se a importância de trabalhar com os alunos por meio de repetições de atividades visuais. Logo, é defendida pela autora a metodologia de reprodução/repetição, pois ajuda a consolidar o aprendizado, permitindo que o aluno compreenda e retenha informações de forma mais eficiente. Em outras palavras, ajudam a facilitar a compreensão ao associar palavras a imagens, como em cartões com desenhos e palavras que auxiliam na identificação de termos, como também, mapas visuais, pois organizam as ideias de forma clara e objetiva. Além disso, os recursos visuais estimulam o reconhecimento de letras e palavras por meio de alfabetos ilustrados, onde cada letra é associada a uma figura, e dessa forma, promovem maior engajamento e incentivo.

A princípio, embora em contextos diferentes, essa ideia dialoga com a visão de Silva Jardim (1860-1891), que defende a necessidade de abordagens pedagógicas científicas para o progresso social. Logo, é válido ressaltar a relação dessas estratégias supracitadas com a perspectiva da autora Silva Jardim (1860-1891), que defende a necessidade de métodos pedagógicos mais científicos e sistemáticos para alcançar o progresso social. Sendo assim, ao aplicar práticas fundamentadas em evidências, a educação não apenas melhora o desenvolvimento dos alunos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

É interessante perceber, que como foi supracitado, no A3, que fala sobre a promoção da motivação, o A4 traz de forma bem explícita a motivação, porém, é posto como estratégias, vários aspectos da motivação. Sendo elas: Motivação auditiva, sensorial, visual, conversacional, teatralização e pictográfica. Logo então, nota-se que todas essas motivações consistem em estimular o protagonismo do aluno, por meio de aspectos diversificados, sendo assim, essas estratégias são interessantes, pois não desenvolvem apenas um aspecto da criança. Portanto, é mais amplo e adaptável, uma vez que, trabalha a conversação, expressão corporal, compreensão linguística e percepção auditiva e visual.

Vale destacar o A4, no qual possui como título “Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista : representações do professor” correspondente ao ano de 2021, que ao observar as estratégias descritas, percebe-se que a autora buscou comportar todos os aspectos que podem ser desenvolvidos, como explanado pela autora, é trabalhado a motivação auditiva, visual, conversacional, teatralização e pictográfica. Sendo assim, dentre

as 8 (oito) produções, a produção supracitada comporta de maneira organizada e explícita de que forma o professor pode trabalhar com as diversas áreas de conhecimento. Portanto, é estimulado não apenas o raciocínio lógico matemático e o desenvolvimento da leitura e escrita, mas também, busca desenvolver de forma gradual os demais aspectos, como por exemplo, a comunicação, empatia e expressões corporais.

Portanto, é notório a existência da tentativa da autora em promover a inclusão das crianças no processo de alfabetização, uma vez que trabalha também as relações sociais, auxiliando o desenvolvimento do aluno com TEA para conviver de forma inclusiva. Dessa forma, a autora permite adaptar as atividades de acordo com as especificidades e grau do TEA dos alunos. Em concordância com isso, Cavaco (2020), ressalta a importância de uma abordagem individualizada na educação dessas crianças, sendo assim, as atividades sugeridas pela autora, destinadas a orientar as ações dos professores/as, de forma ampla, na qual permite a adaptação, uma vez que, não são limitadas ao desenvolvimento da criança em apenas um aspecto. Sendo assim, é destacado a importância de trabalhar com abordagens individualizadas, que sejam possíveis adaptações, de acordo com a necessidade dos alunos, bem como, as suas dificuldades.

Semelhante ao A4, o A5 colabora com estratégias que auxiliam no desenvolvimento integral dos alunos, ou seja, é proposto trabalhar para desenvolver e aprimorar a motricidade fina e global. Em outras palavras, através de objetos e materiais que permitem o manuseio, é possível fazer atividades de empilhar, rosquear, modelar e criar. Além disso, a motricidade global é construída através da expressão corporal, dança, teatro e exercícios de equilíbrio. Coerente a isso, Vygotsky (1997), reflete o quão é essencial compreender que a educação deve ser adaptada às necessidades individuais de cada criança, reconhecendo suas particularidades e proporcionando estratégias que facilitem seu aprendizado. Dessa forma, é notório a preocupação da autora em destacar estratégias que são adaptadas e que principalmente, possam ser remodeladas de acordo com a necessidade dos alunos.

Sendo assim, vale ressaltar que além das atividades mencionadas para desenvolver a motricidade, há também, uma preocupação da autora com a temporalidade da criança, dessa forma, é sugerido que seja estimulada por meio de experimentações com medidas e volumes em atividades como culinária. Portanto, a autora propõe estimular e desenvolver primordialmente a motricidade e a temporalidade, além das expressões corporais e linguagem, pois, são resultados do conjunto das atividades desenvolvidas de forma associadas.

Em contrapartida, o A6 propõe atividades voltadas para o Ensino Fundamental I, onde explora a leitura individual e em grupo, com o objetivo de desenvolver a capacidade de leitura e escrita. Além disso, é proposto a utilização de jogos, a exemplo: jogos de quebra-cabeça, jogo da memória e entre outros, que utilizam de imagens e palavras, pois facilita o reconhecimento das letras pelos alunos. Tendo em vista o que foi exposto, nota-se que o foco nas sugestões da autora está voltado para o reconhecimento das letras e desenvolvimento da leitura, no entanto, é notório que as sugestões em comparação com os demais artigos, são limitadas, uma vez que, nota-se que o A6 não enfatiza a adaptação de materiais para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA, o que pode limitar a efetividade das atividades propostas para esse público. Enquanto os outros artigos discutidos sugerem estratégias planejadas e adaptáveis, o A6 mantém um enfoque mais restrito ao desenvolvimento da leitura e escrita, sem aprofundar abordagens que considerem as dificuldades sensoriais e comunicativas que podem estar presentes nesses alunos

Outro ponto relevante é que, embora os jogos propostos contribuam para a identificação de letras e palavras, eles poderiam ser complementados com estratégias que incentivam a comunicação e a interação social, aspectos essenciais no processo de aprendizagem de alunos com TEA. Diante disso, percebemos que, apesar da importância das estratégias apresentadas no A6 para o desenvolvimento da leitura e escrita, há uma limitação quanto à abrangência das práticas sugeridas, especialmente no que diz respeito à acessibilidade e à diversificação dos métodos de ensino e aprendizagem.

Logo, como explicado na maioria dos artigos, a exploração do visual é um ponto a favor e seguindo esse viés, o A7 explora a utilização da tecnologia para colaborar e ser um aliado importante no processo de alfabetização de alunos com TEA, por se tratar de uma ferramenta atrativa, e que facilmente pode ser adaptada às necessidades do aluno. Além disso, o uso de tecnologias encontra-se para além da utilização de aparelhos tecnológicos, pois está em jogos, ferramentas simples, entre outros. Outro aspecto relevante abordado no A7 é a flexibilidade que a tecnologia proporciona no ensino, permitindo a personalização das atividades de acordo com o perfil e as preferências dos alunos. Seguindo essa linha de pensamento, Papert (2008 apud Massa, Oliveira e Santos, 2022), defende que o computador poderia ser uma ferramenta valiosa no apoio ao processo de aprendizagem. Ele sugere que os professores adotem a aprendizagem colaborativa, onde cada participante compartilhe seus conhecimentos, em um ambiente no qual todos, inclusive o próprio educador, sejam vistos como aprendizes. Nesse modelo, todos os participantes interagem ativamente do processo de ensino. Dessa forma, recursos como aplicativos educativos, softwares interativos e jogos

digitais podem ser ajustados para atender às necessidades específicas de cada estudante, tornando o aprendizado maior.

Além disso, o artigo destaca que a tecnologia não substitui a mediação do professor, mas atua como um complemento essencial para potencializar o ensino e ampliar as possibilidades de aprendizagem. Tendo em vista que quando utilizada estrategicamente, a tecnologia pode favorecer o desenvolvimento da autonomia dos alunos, incentivando a exploração do conhecimento de maneira lúdica e envolvente. Por fim, evidencia-se que a abordagem do A7 vai ao encontro das tendências contemporâneas de ensino, que valorizam metodologias inovadoras e inclusivas, uma vez que a integração da tecnologia como ferramenta pedagógica não apenas facilita a alfabetização de alunos com TEA, mas também contribui para tornar o ambiente escolar mais acessível e estimulante. Portanto, trata-se de sugestões que estimulam a curiosidade e interesse do aluno, que é um fator primordial, resultando no envolvimento e atenção voltada para as atividades e conhecimentos que estão sendo desenvolvidos.

Por último, o A8 possui um diferencial em suas estratégias, pois, há uma preocupação relacionada à linguagem utilizada pelos professores, sendo assim, é proposto fazer o uso de uma linguagem objetiva e literal, além disso, propor atividades com tempo delimitado, pois ajuda o aluno a entender sua rotina. Apesar de possuir uma estratégia que difere dos demais artigos analisados, o A8 também propõe o uso de materiais visuais, o que o aproxima dos outros artigos, mais especificamente, dos A2, A3 e A7. Além disso, é importante destacar que é proposto pelos autores a utilização de materiais coloridos, uma vez que atraem a atenção das crianças, como também, há uma preocupação em adaptar esses materiais, mas para isso é necessário conhecer o gosto do aluno, sendo assim, o planejamento das aulas lúdicas contariam com a inclusão dos personagens favoritos dos alunos, isso aguça o interesse do estudante com TEA e estimula sua participação.

Contudo, os autores de um modo geral ressaltam a importância de considerar as particularidades de cada aluno ao elaborar as estratégias pedagógicas, garantindo que o processo de ensino seja mais eficaz e envolvente. Como também, a personalização dos materiais, para levar em conta os interesses e preferências dos estudantes, contribui para um ambiente mais acolhedor e estimulante, promovendo uma maior conexão entre o aluno e o conteúdo abordado. Outro ponto relevante destacado no artigo A8 é a necessidade de flexibilização nas abordagens pedagógicas, permitindo ajustes conforme a resposta dos alunos às atividades propostas.

## 8 CONCLUSÃO

Por fim, durante a construção da pesquisa, foi possível observar a importância de estratégias pedagógicas diversificadas e adaptáveis para a alfabetização de crianças com TEA. Entretanto, ao realizar a busca por produções acadêmicas sobre o tema, constatou-se uma escassez de estudos que explorem, de maneira aprofundada, as estratégias pedagógicas voltadas para a alfabetização desses alunos. Logo, esse fator resultou na identificação de apenas oito produções relevantes, o que evidencia uma lacuna na literatura acadêmica sobre o assunto. Apesar dessa limitação, os artigos analisados reforçaram a necessidade de personalizar o ensino, considerando as particularidades de cada aluno e seus diferentes níveis de desenvolvimento. Identificou-se que a integração de recursos visuais, o uso de atividades lúdicas, a adaptação do ambiente escolar e o incentivo à interação social são elementos-chave para a aprendizagem de alunos com TEA. Além disso, a motivação, seja por meio de estímulos sensoriais, auditivos ou visuais, mostrou-se fundamental para tornar o aprendizado mais significativo e eficaz.

Outro ponto essencial evidenciado pela pesquisa foi a importância da colaboração entre professores, famílias e equipes multidisciplinares, aliada à flexibilidade no planejamento pedagógico, tendo em vista, a adoção de práticas pedagógicas individualizadas e adaptáveis não apenas favorece o processo de alfabetização dos alunos com TEA, mas também contribui para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e acessível. Entretanto, um dos desafios mais recorrentes identificados foi a deficiência na formação docente para o ensino de alunos com TEA. Contudo, muitos professores enfrentam dificuldades para adaptar suas práticas pedagógicas devido à falta de capacitação específica, suporte pedagógico e recursos adequados.

Diante disso, torna-se indispensável o investimento em programas de formação continuada, bem como a disponibilização de infraestrutura e materiais pedagógicos adaptados nas escolas. Além da qualificação dos docentes, é necessário garantir um ambiente escolar que promova não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a socialização dos alunos com TEA. Frente aos achados desta pesquisa, sugere-se que futuros estudos aprofundem a relação entre as metodologias pedagógicas e o desempenho acadêmico de crianças com TEA, bem como analisem o impacto das políticas públicas voltadas para a inclusão escolar. Destaca-se, ainda, a necessidade de ampliação dos materiais didáticos acessíveis e do fortalecimento do suporte psicopedagógico dentro das instituições de ensino.

Em resposta à questão norteadora deste estudo – as práticas e estratégias pedagógicas atuais contribuem para a inclusão dos alunos com TEA no processo de alfabetização? –, a pesquisa revelou que, apesar da existência de algumas estratégias estruturadas e eficazes, ainda há limitações quanto à personalização e adaptação das práticas para atender integralmente às necessidades desses alunos. Além disso, a formação continuada dos professores demonstrou ser um fator crucial para garantir um ambiente educacional inclusivo e acolhedor. Em síntese, a inclusão escolar de alunos com TEA exige um compromisso coletivo entre educadores, gestores e a sociedade, logo, é lícito postular que a formação contínua dos professores, a adaptação do currículo, a superação de barreiras sociais e o apoio institucional adequado são aspectos essenciais para garantir que esses alunos se sintam verdadeiramente acolhidos e possam aprender de maneira significativa. Sendo assim, a inclusão não deve ser apenas uma diretriz normativa, mas sim uma prática cotidiana que reflita o compromisso da sociedade com uma educação equitativa.

Em síntese, a inclusão escolar de alunos com TEA exige um compromisso coletivo entre educadores, gestores e a sociedade, além disso, a formação contínua dos professores, a adaptação do currículo, a eliminação do estigma social e o apoio institucional adequado são aspectos essenciais para que esses alunos se sintam acolhidos e possam aprender de forma plena. Sendo assim, a verdadeira inclusão não se limita à presença dos alunos com TEA na escola, mas se reflete na construção de um espaço de aprendizado equitativo, no qual cada criança tem a oportunidade de desenvolver plenamente seu potencial. Assim, garantir uma educação inclusiva é mais do que um dever pedagógico – é um compromisso social inadiável. Logo, a educação inclusiva é, portanto, um direito que transcende a legislação, sendo uma prática cotidiana que depende da vontade política, da capacitação constante e da conscientização de toda a comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 1. ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 1952.

Acesso em: 18 set. 2024.

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 2. ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 1968.

Acesso em: 18 set. 2024.

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 3. ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 1980.

Acesso em: 18 set. 2024.

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 4. ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 1994.

Acesso em: 18 set. 2024.

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 4. ed., rev. de texto. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 2000.

Acesso em: 10 out. 2024.

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Acesso em: 10 out. 2024.

ASPERGER, Hans. **Die “Autistischen Psychopathen” im Kindesalter** [A psicopatia autista na infância]. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, v. 117, p. 76–136, 1944.

ARAÚJO, Gisele Silva; SEABRA JUNIOR, Manoel Osmar. **Elementos fundamentais para o design de jogos digitais com o foco no treino de competências e habilidades de estudantes com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática.** *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos(RBEP)*,v.102,n.260,2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102.i260.4033>.

Acesso em: 25 fev. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>.

Acesso em: 15 nov. 2024.

**BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 dez. 2012.

Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm).

Acesso em: 13 nov. 2024.

**BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*,

Brasília, DF, 7 jul. 2015.

Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm).

Acesso em: 21 dez. 2024.

**BRASIL. Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020.** Institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 jan. 2020.

Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm).

Acesso em: 20 dez. 2024.

**BRASIL. Política nacional de educação na perspectiva inclusiva.** Brasília: MEC, 1999.

Acesso em: 20 dez. 2024.

**BRASIL. Transtorno do espectro autista (TEA): saiba o que é e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares.** Ministério da Saúde, 04 abr. 2022.

Disponível

em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-d-o-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>.

Acesso em: 04 out. 2024.

BUSTO, Andressa Mayra de Lima. **Proposta de estratégias pedagógicas para o desenvolvimento psicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista no contexto da Educação Infantil.** 2022. 55 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2022.

Disponível

em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/f503841d-23c5-4d19-9d20-3d91f6bd7803/content>.

Acesso em: 18 mar. 2025.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru Shibukawa; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. **Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com Transtorno do Espectro Autista.** 2016.

Disponível

em:

[https://www.researchgate.net/publication/301923792\\_Praticas\\_pedagogicas\\_colaborativas\\_na\\_alfabetizacao\\_do\\_aluno\\_com\\_Transtorno\\_do\\_Espectro\\_Autista](https://www.researchgate.net/publication/301923792_Praticas_pedagogicas_colaborativas_na_alfabetizacao_do_aluno_com_Transtorno_do_Espectro_Autista).

Acesso em: 20 mar. 2025.

CAVACO, Nora. **A formação docente e os desafios da inclusão de alunos com autismo no contexto escolar.** 2020. Acesso em: 14 jan. 2025.

CAVACO, Nora. **Autismo: o que precisamos saber?** Rio de Janeiro: Wak, 2020. p. 9-148.

Acesso em: 15 jan. 2025.

FILHO, Dinart Rocha; OLIVEIRA, Laysa Dias Brum de. **Estratégias pedagógicas adaptadas para alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA.** Revista Foco, v. 12, n. 2, p. 123-135, 2023.

Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1258/936>.

Acesso em: 08 mar. 2025.

JESUS, Camila de; GUAZZELLI, Regina; SOUZA, Sheila Carla de. **Estratégias pedagógicas para alfabetizar crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo: o**

**olhar do professor.** 2022. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

Disponível

em:

<https://adelfa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/d4d5069f-65ce-4877-b66f-6f3ce12367a2/content>.

Acesso em: 27 dez. 2024.

JOAQUINA, Maria Eduarda; SILVEIRA, Zélia Medeiros. **Práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos primeiros anos do ensino fundamental.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), 2023.

Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/8261/6773>.

Acesso em: 25 mar. 2025.

LIMA, Nara Raquel Cavalcanti. **Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista: representações do professor.** 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

Acesso em: 05 fev. 2025.

MASSA, Nayara Poliana; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. O construcionismo de Seymour Papert e os computadores na educação. **Cadernos da FUCAMP**, v. 21, n. 52, p. 1-15, ago. 2022.

Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br>.

Acesso em: 05 fev. 2025.

MELO, Maria de Fátima; MARQUES, Ana Lúcia. **História da escrita e da alfabetização.** São Paulo: Editora Educacional, 2017.

Acesso em: 08 fev. 2025.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **A alfabetização no Brasil: uma história de lutas.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2019.

Acesso em: 08 fev. 2025.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2000.

Acesso em: 19 mar. 2025.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

Acesso em: 20 jan. 2025.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Acesso em: 20 jan. 2025.

SILVA, Joaquim; MORAIS, Maria Cecília. **Alfabetização e civilização: uma reflexão sobre o Brasil Republicano.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Acesso em: 18 mar. 2025.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 25 jan. 2025.

SOUZA, Márcia Daniella Neres de. **Métodos de como alfabetizar a criança com Transtorno do Espectro Autista**. 2018. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade Nossa Senhora Aparecida (FANAP), Aparecida de Goiânia, 2018. Disponível em: <http://www.fanap.br/Repositorio/172.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2025.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Oralidade e letramento: questões sobre a história da escrita**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Acesso em: 10 nov. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Acesso em: 10 nov. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Acesso em: 10 nov. 2025.